

QUEIROGA E LENINE, OS ANTI-SUPERSTARS

IRLAM ROCHA LIMA

Decididamente, Lula Queiroga e Lenine jamais serão **superstars**. Pelo trabalho que já realizaram e pelo imenso potencial que possuem, com toda certeza, muito brevemente terão seus nomes citados entre as mais importantes figuras da nossa música. Mas, nunca posarão de **estrelas**, pois a jogada deles é outra.

Jovens músicos/compositores/cantores que fazem parte de uma nova vertente da MPB, esses dois pernambucanos vêem a arte de forma diferente. Embora tenham bebido na fonte das manifestações folclóricas do Nordeste, estão abertos e na captura de novas informações, de novas experiências. Foi assim que caíram de boca no lance do Tonto de Tanto Canto, um grupo brasileiro a quem estão fazendo rasgados elogios. Para eles, o trabalho do Tonto é assim como um folguedo, um maracatu, da mesma forma que o rock pode ser um caboclinho. Como eles mesmos dizem: **hoje em dia tudo está muito misturado.**

Lula e Lenine, depois de muita batalha no Rio de Janeiro, gravaram um elepê pela **Philips**. O disco tem o título de **Baque Solto** (originalmente, uma dissidência do maracatu), que dá nome, também, ao show que eles apresentam hoje e amanhã (às 21 horas), no Teatro da Escola-Parque, acompanhado por uma superbanda.

Na véspera da estréia conversei com Lula e Lenine, que, com extrema lucidez e sensibilidade, falaram de sua trajetória na música, de suas raízes nordestinas e de sua disponibilidade diante da vida e da arte, deixando a porta aberta para tudo.

CORREIO - Espaço aberto para vocês se situarem enquanto artistas, enquanto músicos e compositores.

LENINE - A carreira da gente é uma coisa individual e antiga. Tem uma grande coincidência geográfica, uma vez que nós dois somos de Pernambuco. Mas a coisa era meio paralela. A sintonia e o vigor que eram os mesmos, assim como a visão de mundo. A época de atuar no campo musical lá em Recife foi a mesma coisa. Em 77 eu gravei um disco independentemente, com uma banda que a gente tinha, a Flor de Cactus. Mais tarde, participei do MPB-Shell e gravei um compacto com as músicas Prova de Fogo e Princípio da Culpa. Participei, também, de shows esporádicos com Joan Baez, quando ela esteve no Brasil, lá no Aterro do Flamengo. Foi muito legal. Quer dizer, a nível de grande informação é isso. E sempre desenvolvi o trabalho de composição, existindo uma certa cumplicidade entre algumas pessoas, eu e Lula. Quer dizer, não se restringia só a gente. Tem o Tadeu Mathias, Ivan Santos, Bráulio Tavares, Zé Rocha, Fuba. Era tipo uma cooperativa, mas sem uma visão restrita.

LULA - Minha mãe era cantora e meu pai produtor de televisão, de teatro. Eu nasci neste meio. Convivi com a televisão, rádio e teatro desde pequeno. E desde pequeno que eu trabalhava com música, tendo toda

aquela influência em casa. Em 64 fui para o Rio e passei a acompanhar a carreira de papai. Assistia ele fazer produção de estúdio e tal. Fiquei lá até 75. Depois comecei a escrever humorismo, coisa que faço até hoje (ele é um dos responsáveis pelos textos do programa de Chico Anísio) e escrever para publicidade. Desde os 14 anos que me envolvi, que me engajei profissionalmente com essa coisa de fazer arte. Ai a música começou a contar pra mim, intuitivamente. Eu fazia música e mamãe cantava. Cheguei a participar de festivais e veio a onda toda. Quando voltamos para Pernambuco, fomos morar em Olinda. Lá em Olinda tinha o Centro de Cultura Luis Freire. Eu e o Zé Rocha, que é outro compositor pernambucano, fizemos o Projeto Mural, lá no Centro. Foi quando eu tomei consciência real da música, de ser realmente o que eu queria. Nesse interim, tive um namoro com a literatura e cheguei a ganhar concursos literários, concursos de contos. Ai coloquei essa carga literária a serviço da música. Nessa época eu era líder de um grupo vocal, o Quarto Crescente. Nos apresentávamos em Olinda e arredores.

CORREIO - Mas você passou a ser conhecido quando a Elba Ramalho gravou uma música sua, Essa Alegria.

LULA - Primeiro teve o Céu da Boca, que gravou **Cheiro do Povo**, que não foi muito tocada, mas que foi muito importante pra mim, pois abriu nova perspectiva. Ai a Elba gravou **Essa Alegria** e ai pronto. Eu passei a ter já uma certa colocação, um certo prestígio, uma certa procura. Pintou a Zizi Possi com **Sopro do Amor**; fiz um trabalho com o Renato Aragão, incluindo **Rapaz Alegre** na trilha sonora do filme **Trapalhões na Serra Pelada**. Comecei então a fazer uma série de apresentações no Rio, com o grupo Folha Seca. E este grupo, que já vinha me acompanhando, passou a acompanhar, também, o Lenine.

CORREIO - E como pintou o trabalho em conjunto, que acabou gerando o disco?

LENINE - Já existia a empatia, a cumplicidade. Xico Chaves, que é um cara que começou aqui em Brasília e que deu muita força pra gente, era ligado à **TV Bandeirantes**. Na época ele estava lançando um programa, o **Boca a Boca**. Esse programa procurava mostrar as novas vertentes da MPB. Ele convidou uma gama de pessoas para participar do programa. Eu fiquei muito a fim, mas não fui convidado. O Lula foi. Por conta daquela cumplicidade de que eu lhe falei, o Lula disse: bicho eu vou te chamar na hora que eu for me apresentar. Ai rolou. Toquei com o Lula e aconteceu. Nós fechamos o programa e fomos convidados para fechar o segundo e o terceiro. Ai acabou o programa. Como sempre as boas propostas acabam dançando. Mas a partir dali, como o Lula tinha uma pauta para cumprir no Parque Lage, e eu tinha uma banda e ele tinha outra, a gente se uniu. Eu

trouxe o saxofonista, um outro guitarrista e um percussionista. Ele trouxe o pianista, o baixista e fizemos o show. A coisa aconteceu, de um bom público e deu pra tirar uma grana. O show foi para o Circo Voador e lá alguns produtores, algumas gravadoras tomaram conhecimento do nosso trabalho. Ai fomos convidados para fazer uma temporada no Teatro Ipanema. Foi quando fizemos o disco. O disco tem até esse cunho. É um documento mesmo, é uma coisa histórica. Não teve a pretensão de entrar no mercado com aquele padrão mercadológico. Foi uma jogada em cima do show, de documentar o show. A direção, os arranjos, os músicos, o cuidado gráfico, tudo foram nossos.

CORREIO - Fale do repertório.

LULA - O repertório e o seguinte: essa divisão soa mais como um espaço dividido por dois, pois nós não somos dupla. Foi uma coisa tão intuitiva, tão natural, que de repente a gente já tinha o repertório do show. Fizemos uma seleção, cada um pôs suas possibilidades e em menos de 15 minutos já tínhamos o roteiro do que seria o disco. Foi gravado de abril a julho. Tem uma música que eu gosto muito, que é **Sopro do Amor**; tem **Essa Alegria**, que gravei à minha maneira e gostei muito e **Extase**.

LENINE - Em meu trabalho sempre teve uma coisa que pesou muito e que eu sempre dei vazão, que é meu lado de intérprete. Eu sou uma pessoa que componho mas que nunca canto minhas coisas. E como eu tenho meu lado de intérprete, quando me identifico com uma música e me emociono com ela, eu vou cantá-la. Então esse lado passo muito no disco. Eu canto pessoas com quem me identifico, como Ivan Santos, Zé Rocha, Pedro Osmar. E tem também uma música que eu gosto muito, mas que as rádios não tocam, pois é uma música instrumental, por isso mesmo difícil de ser veiculada. É uma música que mostra essa influência de ritmos. A música chama-se **Auto dos Combos**, que fala da miscigenação, da negritude.

CORREIO - Que tipo de contribuição vocês imaginam estar dando para a MPB?

LULA - Eu penso uma coisa diferente. Antes de pensar que contribuição a dar para a música popular brasileira, que é uma coisa abstrata, penso primeiro em me realizar como uma pessoa criativa, dentro dessa confusão toda, desse caos que a gente está vivendo. Como contribuição eu sempre estou fazendo aquilo que vai me emocionar. Vou estar sempre cantando. Eu nasci para ser um articulador, para ser uma pessoa que vai tirar uma energia de um ponto e botar noutro.

CORREIO - E qual é a proposta do show?

LENINE - A transa do show, como a gente está lançando o disco aqui, vai ter todas as músicas no roteiro, com algumas intromissões. Como Rita Lee, com Só falta Você, que é uma das coisas mais atuais, embora

tenha sido feita há mais tempo. Basicamente a gente vai divulgar o disco. Mas quando você perguntou a Lula sobre a contribuição que a gente está dando para a música brasileira, eu fiquei pensando uma coisa aqui, que eu acho que é legal falar. A gente está fazendo um trabalho que conseguiu captar a transa da imagem do VT. A gente faz um som que é muito televisão, muito corporal, é muito mise-en-scène. É um caldeirão muito grande, cheio de coisas que não têm preconceito. Não posso negar o xaxado, o frevo, o maracatu, como elementos formadores de nossa cultura, como também não posso negar a importância do funk, do rock em nosso trabalho. É uma grande mistura dentro desse panelão. A contribuição que a gente está dando é a nível de emoção. A brasilidade passa por conta de experiência da gente e não por conta de uma preocupação. É a coisa é mais ou menos assim com outras pessoas que estão aí fazendo as coisas acontecerem. Fui ver o Tonto de Tanto Canto e fiquei tonto de tão atento. A rapaziada é muito legal, um bom-humor incrível, gente colorida, bonita. Eu fiquei assim emocionado. A coisa da emoção passa sempre.

CORREIO - E por que Baque Solto?

LULA - Baque solto foi uma dissidência do maracatu que era só da zona urbana de Recife. Depois passou a ocupar a zona canavieira. O pessoal que não gostava do que via no centro, fez um maracatu mais cheio, com orquestra. Inclusive o Lenine é mais pesquisador do que eu dessa área. Pra gente o baque solto sugere isso. A gente está fazendo uma coisa dissidente. Por mais que incorpore, a gente adiciona um tempero a mais e essa dissidência complementativa é que determina nossa vertente.

LENINE - Eu quero enfatizar mais aquele nosso papo sobre o Auto dos Congos, pois eu acho que não ficou bem definido. E quando encaixa o baque solto. O Auto dos Congos era um folguedo, que tinha teatralização, indumentaria, tinha uma postura, um ritmo para cada personagem. Houve uma dissidência nesse folguedo e ai surgiu o caboclinho, o maracatu, surgiu o boi. O maracatu passou por um processo de antropofagia e de certo modo se degenerou. Na zona urbana ficou o baque virado, que é uma coisa bem tradicional, bem purista. O baque solto, por sua vez, ficou na zona rural e é essa coisa da antropofagia, uma coisa suja; com que a gente se identificou.

CORREIO - De que maneira o rock se faz presente no trabalho de vocês?

LULA - Hoje em dia já está tudo tão misurado, que seria ingênuo a dizer: olha o rock vem aí, vai cortar nossas raízes. Quem pensa que o rock se restringe a uma batida de bateria e guitarra elétrica está muito enganado. É um sentimento, é uma manifestação gestual, é uma coisa mais abrangente.

LENINE - Veja um exemplo: O Circo Voador tem vários espaços,

Na 6ª feira funciona MPB, no sábado é só rock, no domingo a gafeira. A gente participou de todos os espaços e faltava o rock voador. E havia um preconceito contra a gente que era nordestino. Ai fomos convidados para fazer o rock voador com os Miquinhos Amestrados. A coisa foi incrível. O público de sábado é muito chato, só quer ouvir **heavy-metal**. E de repente ouviram maracatu, quadrilha, caboclinho, ciranda, que passariam como rock. No final neguinho falou: Bicho, que legal! E essa a jogada. E o vigor da coisa, que pode estar no rock ou em qualquer folguedo popular. Música é transformação não é uma coisa estática. Um movimento musical nunca vai atrapalhar outro. Eles vão sempre se fundir em outros caminhos.